



## O rei está nu

Alexandre Santos

Comentário sobre a profunda crise que abalou a economia dos EUA.

Confirmando previsões que remontam a meados do século XIX, há cerca de um ano o capitalismo financeiro enfrenta uma crise que, sem alarmismos, pode levá-lo à débâcle final. Independentemente de preferências políticas, todos concordam que a ruptura do ténue equilíbrio que sempre sustentou o capitalismo financeiro decorreu da crise de confiança surgida no mercado financeiro dos EUA e que se alastrou mundo afora em efeito dominó, contaminando o restante da economia, inclusive a economia real.

A perda geral da confiança no sistema financeiro instalou-se porque, depois de muito tempo, a sociedade finalmente percebeu a natureza flácida dos ativos financeiros, muitos dos quais correspondidos por nada ou quase nada. Esta condição ficou mais clara em março de 2008, quando, lastreado em papéis sem valor, o Bear Stearns – um dos bancos que, aproveitando a permissividade inerente ao liberalismo, tentou criar dinheiro do nada, alavancando operações subprime no mercado hipotecário, numa avalanche de virtualidades completamente desconectadas de valores reais – quebrou e foi comprado a preço de banana pelo JP Morgan Chase com a ajuda do Tesouro norte-americano, que, já presentindo a dimensão da crise, violou um dos fundamentos do liberalismo e interveio na economia.

De lá para cá, a crise se agravou, pois sem saber o nível de (in)consistência dos negócios que deram suporte às alavancagens subseqüentes, os próprios bancos passaram a duvidar dos papéis bonitos e pomposos que marcam a economia financeira (pedaços de papel com diversos nomes, metais em forma de moedas e, mais recentemente, impulsos digitais são os únicos elementos da economia financeira). Emergiu, então, uma crise de liquidez, pois, desconfiadas, nenhuma entidade quis trocar seu rico dinheirinho por papéis de valor questionável e resgate duvidoso. Os mercados ficaram sem dinheiro. Pronto! Estava instalada a crise financeira que, tendo em vista a globalização do setor, em minutos atravessou fronteiras e oceanos atingindo todo o sistema financeiro mundial.

As bolsas de valores mergulharam a linha descendente dos prejuízos<sup>1</sup>, as empresas amargaram perdas trilionárias<sup>2</sup>, bancos aparentemente sólidos entraram em colapso e quebraram<sup>3</sup>. Um caos!<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Entre 09/10/07 e 10/10/08, o índice Dow Jones, da Bolsa de Valores de Nova York, perdeu 40%, caindo de 14.165 pontos para 8.579 pontos.

<sup>2</sup> No período, o valor de mercado de 1.231 empresas norte-americanas caiu de US\$ 17,220 trilhões para US\$ 9,898 trilhões. No setor de finanças e seguros, o mais afetado pela crise, o valor de mercado de 187 empresas caiu US\$ 1,8 trilhão. No setor eletro-eletrônico, o valor de mercado de 138 empresas caiu US\$

A solução da crise sistêmica que sufoca a economia financeira depende da restauração da confiança. Mas, como restabelecer a credibilidade de um modelo cujo sucesso depende de virtualidades e inconsistências? Contrariando pensamentos que consideram este modelo irremediavelmente perdido, ideólogos do regime entendem que a confiança pode ser restabelecida pelo aval de uma entidade de força moral irresistível, capaz de abafar rebeldias por mais justas que possam parecer. Numa situação normal, esta entidade seria o presidente dos EUA, líder da nação capitalista mais poderosa do planeta. Acontece que George W. Bush é um presidente em fim de mandato e, desde as mentiras que pregou para justificar a invasão e ocupação do Iraque, é desacreditado por todos. Não é à toa que todas as vezes que o presidente norte-americano fala a crise recrudesce. Foi assim em 23 de setembro, quando Bush discursou na abertura da 63ª Assembléia Geral da ONU e disse que “o governo dos EUA tem tomado atitudes ousadas para evitar efeitos devastadores na economia do país”, foi assim na última semana de setembro, quando Bush foi à televisão quatro vezes para defender o pacote rejeitado na Câmara dos Representantes. Os que apostam nesta vertente, dizem que a eleição do novo presidente norte-americano em novembro pode contribuir para a superação da crise.

Na ausência de um Big Boss competente e confiável, os ideólogos capitalistas lembraram do Dólar – uma divindade monetária que, via de regra, consegue acalmar os mercados financeiros, por mais recalcitrantes que possam ser. Sempre pragmáticos, os ideólogos capitalistas deram uma jogada de mestre e, dispensando escrúpulos ideológicos, recorreram ao Estado como tábua de salvação, instituindo uma espécie de neocapitalismo – um modelo marcado pela forte presença estatal na economia, logo copiado pelos europeus<sup>5</sup> e japoneses<sup>6</sup> e, pasme, elogiado pelo Fundo Monetário Internacional<sup>7</sup>. Nos EUA, depois de usar US\$ 200 bilhões para salvar as empresas hipotecárias Fannie Mae e Freddie Mac. (que, juntas, possuem quase a metade dos US\$ 12 trilhões em empréstimos habitacionais nos EUA) e assumir o controle acionário de 79,9% da companhia de AIG (American International Group) por US\$ 85 bilhões, o Congresso norte-americano aprovou um pacote de US\$ 700

---

1,08 trilhão. O valor de mercado da General Electric se desvalorizou em 55,5%, com perda de US\$ 235,6 bilhões. No caso da AIG (American International Group) a desvalorização foi de 96,4%, correspondendo a uma perda de US\$ 173,4 bilhões. Os valores de mercado do banco de empréstimos e poupança Washington Mutual desvalorizou 99% e da empresa hipotecária Fannie Mãe desvalorizou 98,3%.

<sup>3</sup> O Lehman Brothers entrou em concordata; o Merrill Lynch foi vendido ao Bank of América; o Morgan Stanley vendeu 21% de suas ações ao grupo Mitsubishi UFJ, maior banco japonês, o Wachovia, quarto maior banco dos EUA, foi vendido ao Wells Fargo, o banco de investimentos Lehman Brothers vendeu sua divisão de gestão de ativos Neuberger Berman a Bain Capital e Hellman & Friedman, o Washington Mutual, um dos maiores bancos do setor de empréstimos e poupança, foi vendido ao JPMorgan Chase; o Sovereign Bancorp vendeu 75,65% das ações ao banco espanhol Santander.

<sup>4</sup> Em 11 de outubro, o diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI) Dominique Strauss-Khan alertou que os bancos endividados estão empurrando o mercado financeiro global para o “derretimento sistêmico”, acrescentando que as nações ricas falharam em restaurar a confiança.

<sup>5</sup> Os países da zona do Euro e a Grã Bretanha garantiram US\$ 2 trilhões para re-financiar bancos e garantir a liquidez nos empréstimos interbancários.

<sup>6</sup> Depois de injetado US\$ 332,172 bilhões no sistema financeiro nipônico em sucessivos aportes na esteira da quebra do Lehman Brothers, em 15 de setembro, o banco central japonês anunciou que, a exemplo do Banco Central Europeu e do Banco Nacional Suíço, vai fornecer aos bancos quantias ilimitadas de dólares a juro fixo.

<sup>7</sup> Além de defender uma “intervenção estatal em grande escala como forma de estabilizar os mercados financeiros”, o FMI defendeu a criação de uma agência nos EUA que assuma as dívidas de má qualidade dos bancos do país.

bilhões, garantindo US\$ 250 bilhões para a compra de papéis 'podres' em troca de ações preferenciais de bancos falidos<sup>8</sup>.

O interessante é que, para garantir essa dinheirama toda (alguém já ouviu falar de tanto dinheiro junto?), o governo norte-americano aumentou ainda mais o limite de endividamento público dos EUA, passando-o de US\$ 10,6 trilhões para US\$ 11,3 trilhões. Ou seja, para regatar papéis podres, o governo norte-americano vai emitir dinheiro – uma prática similar e tão grave como aquela que deu origem a crise que pretende combater. Assim, mesmo amainada pela presença do Estado, a crise de confiança no sistema financeiro está longe de acabar, pois, como até o presente o Dólar não foi questionado, ela (a crise) ainda pode ficar mais grave.

Nunca é demais lembrar que, a exemplo daqueles que embalam a economia financeira, a moeda norte-americana também é um papel emitido sem lastro. O poder de compra do Dólar não é embasado por riquezas efetivas e, sim por um tipo de 'confiança' dissociada da economia real e que decorre apenas da força comercial, diplomática e militar dos EUA<sup>9</sup>. De qualquer forma, é improvável que as pessoas confiem eternamente em um papel solapado continuamente por crescentes endividamentos<sup>10</sup> e sistemáticos déficits orçamentários<sup>11</sup> e comerciais<sup>12</sup> dos EUA. Mais cedo ou mais tarde, a ausência de lastro do Dólar será questionada e o atual sistema monetário mundial ficará sob suspeição, instaurando uma crise sem precedentes que arrastará a todos para a vala da desdita, espalhando miséria e sofrimento. Com efeito, tendo em vista a enormidade da economia norte-americana, a débâcle do Dólar abrirá um ralo que tragará a todos sem poupar pequenos e grandes, poderosos e frágeis.

A perspectiva de uma crise puxar a outra aumenta a gravidade do presente momento, indicando que, ao tempo que tenta acreditar a economia financeira promovendo alterações no sistema bancário, a comunidade internacional deve se antecipar aos problemas e alterar o sistema monetário internacional.

---

<sup>8</sup> Os bancos Goldman Sachs, Morgan Stanley, JP Morgan Chase, Bank of America, Citigroup, Wells Fargo, Bank of New York Mellon, State Street e o Merrill Lynch foram os primeiros a serem socorridos.

<sup>9</sup> Para melhor compreender a situação, imagine o Dólar como um 'vale' emitido por um comerciante tão poderoso que ninguém ousa recusá-lo como meio de pagamento. Mas, o que aconteceria com o valor destes 'vales', se as pessoas descobrirem que o comerciante está falido ou seriamente doente? Neste caso, claro, as pessoas veriam os tais vales apenas como papéis decorados e não os receberiam como moeda. Por isso, os EUA precisam parecer ricos e fortes, sendo uma das razões que os levam a dar permanentes demonstrações de força mundo afora. Não foi outra razão que levou os EUA a invadirem e ocuparem o Afeganistão a menos de um mês após o ataque de 11 de setembro de 2001 colocarem em cheque a capacidade das forças armadas norte-americanas defenderem o próprio país.

<sup>10</sup> Para financiar a emissão de dólares, o Tesouro dos EUA emite títulos (outro papel sem lastro na economia real). Em suas reservas internacionais, a China possui títulos do Tesouro dos EUA cujo valor nominal ultrapassa US\$ 1,8 trilhão. O valor nominal dos títulos norte-americanos em poder do Japão beira US\$ 1 trilhão.

<sup>11</sup> Em 14 de outubro de 2008, o secretário do Tesouro Henry Paulson anunciou que, triplicando desde o ano passado, o déficit orçamentário dos EUA atingiu US\$ 455 bilhões, valor que corresponde a 3,2% do PIB do país.

<sup>12</sup> Em julho de 2008, o departamento de Comércio dos EUA informou que o déficit da balança comercial do país cresceu 5,7% em relação ao mês anterior, atingindo US\$ 62,2 bilhões, o maior nível em 16 meses.

Nos dias correntes, poucos focos resistem ao consenso de que, sendo a entidade máxima da organização social, o Estado deve assumir o controle do sistema bancário libertando-o de interesses ávidos pelo lucro fácil [e impróprio, pois, sendo uma atividade que não oferece risco para os banqueiros, não há porque oferecer lucro (que é a remuneração do risco)] e aversos aos indispensáveis mecanismos de controle e supervisão<sup>13</sup>.

Por outro lado, alterar o sistema monetário internacional significa desbancar o Dólar da condição de moeda internacional e, conseqüentemente, os EUA da posição de dono do cofre planetário. Este tema também não é inédito, pois, embora nenhum líder internacional tenha falado do assunto abertamente, já se nota um sentimento geral de que há a necessidade de 'uma nova Bretton Woods'<sup>14</sup>. Para ficar isento das virtualidades do Dólar e da submissão a correlações de poder conjunturais, o novo sistema monetário internacional não pode ser associado a nenhum País específico e deve ser baseado ao um padrão universal de riqueza como a força de trabalho, estimulando o funcionamento da economia real e a preservação do meio ambiente.

(\*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco.

e-mail: alexandresantos@br.inter.net

---

<sup>13</sup> A reforma do sistema financeiro é um tema pacífico que conta com a concordância de autoridades com responsabilidades em diversos níveis. Em 11 de outubro, em discurso pronunciado no Comitê Monetário e Financeiro do FMI, em Washington, o ministro da Fazenda Guido Mantega parte do pressuposto da mudança e afirmou que o sistema financeiro que surgirá após a crise deve ter mecanismos de controle e supervisão dos mercados. Algumas autoridades, falam em modificar o sistema financeiro internacional no bojo de discussões mais amplas. Falando em Bruxelas, quatro dias mais tarde, por ocasião da Cúpula da União Européia, o primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown, afirmou o desejo de reformar o sistema financeiro internacional, dotando-o de mais transparência, novas regras de funcionamento e melhores mecanismos de supervisão.

<sup>14</sup> Falando em Bruxelas, em 15 de outubro, por ocasião da Cúpula da União Européia, o primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown, foi claro ao afirmar que deseja que a UE assuma um papel de liderança para reformar o sistema financeiro internacional, dotando-o de mais transparência, novas regras de funcionamento e melhores mecanismos de supervisão. De sua parte, sem discordar da essência das idéias do primeiro-ministro britânico, José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Européia, defendeu a "vontade de cooperar com outros governos, especialmente com os EUA", reconheceu que "a Europa está liderando a resposta mundial à desordem financeira". No mesmo embalo, o presidente da França, Nicolas Sarkozy, pediu uma "revisão total do sistema financeiro internacional".